



A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ

bulunga

maio de 2025 - número 41

neste número
entrevistamos um perigoso

TRAFICANTE

EDITORIAL

Já podemos ser considerados um narco-estado? Ainda não, mas não estamos longe disso. Traficantes não param na cadeia e frequentam as altas rodas ao lado das mais renomadas autoridades. Famílias inteiras são atraídas para o comércio das drogas, diante da carência de empregos ou de incentivos ao empreendedorismo. Em vez de ajudar, o governo inibe cada vez mais a iniciativa de quem quer montar o seu próprio negócio, criando burocracias e extorquindo o pequeno empreendedor com cobranças abusivas.

Mas há uma esperança: o mundo está para acabar a qualquer momento, e assim todos esses absurdos serão sepultados, submersos, explodidos ou sabe-se lá de que forma acontecerá. E enquanto não acontece, leia a nossa entrevista com um perigoso traficante e os demais matérias desta edição nº 41.

entrevista com um perigoso

TRAFICANTE



Ele se veste com roupas elegantes, se movimenta e se expressa de forma refinada, com gestos meticulosamente estudados, fazendo uma bela coreografia com as mãos, tratadas com cremes importados e cujas unhas recebem os cuidados de uma especialista, enquanto o dedo mindinho da mão direita é

adornado com um anel de ouro e diamantes. Seu tom de voz é suave, e poderia se fazer passar facilmente por um bem-sucedido empresário do ramo da tecnologia, mas optou por ganhar seus milhões (ou bilhões) comercializando produtos condenados – e veladamente utilizados – por uma sociedade hipócrita que sustenta esse rentabilíssimo negócio, num perigoso jogo cujo desfecho é a abreviação do tempo de vida de seus usuários, além da destruição da família. Para manter essa posição de absoluto poder, ele está disposto a tudo. É o que veremos na entrevista a seguir.

BULUNGA - Dizem que você financia o estudo fundamental, a graduação, a pós-graduação, o mestrado, a eleição ou a escolha por indicação dos mais altos membros dos poderes do Estado. Por quê você mesmo não se insere nessa política?

TRAFICANTE - Não teria tanta graça quanto

ficar de camarote observando esses imbecis se matarem por migalhas. Eu digo migalhas porque faturro milhões de vezes mais do que eles, que se corrompem não necessariamente pelo dinheiro, mas pela vaidade do poder que pensam que possuem.

BULUNGA - Existem muitas autoridades importantes querendo regularizar o uso indiscriminado das drogas. Se isso acontecer, não vai ficar sem graça?

TRAFICANTE - Com certeza. Nada mais instigante do que ficar se escondendo da polícia, ser preso e depois ser solto para debochar de todo mundo e poder fazer tudo de novo. Passei por isso muitas vezes, no começo de minha "carreira". Mas hoje nossos "funcionários" estão inseridos nesse jogo, que é muito mais emocionante do que qualquer Playstation.

BULUNGA - É que nem jogar a bola para o cachorro dezenas de vezes para ele buscar.

TRAFICANTE - Pode parecer estúpido, mas é muito legal. Provoca uma baita adrenalina.

BULUNGA - Mas as investigações nunca chegam em você?

TRAFICANTE - Eles comem na minha mão. E beijam o meu anel (mostra o objeto no dedo mindinho).

BULUNGA - Quem são eles?

TRAFICANTE - Eles estão em todos os lados, denominações, partidos e poderes.

BULUNGA - Qual é o seu principal negócio? Maconha? Cocaína? Crack?

TRAFICANTE - Esses três itens servem

apenas de troco. Meu principal negócio é o Óxi (Oxicodona), Nitazeno, Anfetamina, Metanfetamina, Fentanil e k9. Mas se o cliente quiser, também consigo Ópio, Heroína, Mescalina...

BULUNGA - Você consome algumas dessas drogas?

TRAFICANTE - Meu pai me ensinou um ditado que dizia "onde se ganha o pão não se come a carne"...

BULUNGA - Pão? Carne? Explique melhor para os nossos pacóvios leitores.

TRAFICANTE - Significa que você não pode consumir o produto do seu trabalho ou ficará falido, entendeu?

BULUNGA - (risos) Pensei que significava que não se pode comer a secretária...

TRAFICANTE - Isso também é um perigo...

BULUNGA - Mas você não acha uma sacanagem você ficar sóbrio enquanto os viciadinhos se ferram com o uso dos produtos que você vende?

TRAFICANTE - E sou só eu que faço isso? Veja o exemplo daquele refrigerante preto: milhões de pessoas morrem anualmente em função de seu consumo. Tem também os cigarros, os salgadinhos de pacotes, bacon, embutidos em geral, entre outros produtos tão nocivos quanto as drogas. Por quê inventam de pegar logo no meu pé?

BULUNGA - Mas as drogas são uma droga...

TRAFICANTE - São? Não sei se é assim. Já experimentou? Algumas são extremamente interessantes, pois criam uma sensação mais gostosa do que o sexo. É por isso que as

peessoas viciam: porque o sexo, para elas, é uma coisa terrível, e elas substituem pelas drogas. Se as pessoas fizessem sexo com amor, sem essas loucuras que a sociedade inventa, não precisariam usar drogas.

BULUNGA - Drogas estão quase sempre ligadas ao sexo, principalmente na forma de prostituição.

TRAFICANTE - E o que é a prostituição? Realizar uma função orgânica, natural, em troca de algum bem material? Quantas mulheres e homens aparentemente de bem não fazem isso com respectivos companheiros ou companheiras, que muitas vezes odeiam, e os traem, e com eles vivem uma vida miserável? Não é pior do que a prostituição?

BULUNGA - É uma visão muito amarga da realidade, que desmistifica o conceito de amor...

TRAFICANTE - "A vida como ela é"...

BULUNGA - Os Estados Unidos, recentemente, ofereceram ajuda para combater o terrorismo, que no Brasil é exercido através do crime organizado controlado pelo tráfico de drogas, mas o governo recusou. Você sabe dizer a razão?

TRAFICANTE - Preciso mesmo dizer?

BULUNGA - Já estamos vivendo em um "narcoestado"?

TRAFICANTE - Para nos enquadrarmos nessa classificação, teríamos que considerar que o dinheiro do tráfico seria a principal fonte de renda do país, mas o Brasil é muito rico e o dinheiro brota da terra. É possível afirmar que a droga está presente em todas as instituições, e que o sistema está se empenhando em

quebrar a economia do país. Nesse ritmo, em breve, a população terá que viver por conta das drogas, como aconteceu na Colômbia e agora na Venezuela. Já se deu conta de que traficante não para na cadeia?

BULUNGA - Na sua opinião, qual é a pior droga?

TRAFICANTE - A política.

BULUNGA - Você já matou gente?

TRAFICANTE - Certamente.

BULUNGA - Quantas?

TRAFICANTE - Perdi a conta. Talvez mais do que os nazistas conseguiram fazer no holocausto.

BULUNGA - E você não se arrepende disso?

TRAFICANTE - Ficou louco? O planeta está superlotado. Não cabe todo mundo. É preciso eliminar pelo menos a metade.

BULUNGA - Quem sabe uma nova pandemia?

TRAFICANTE - Seria ótimo! Os nossos lucros se multiplicariam. Nessa pandemia que tivemos, o consumo de drogas chegou à estratosfera. As pessoas estavam encarceradas, deprimidas e se aliviavam com os nossos produtos. Passamos a assumir uma importante função social.

BULUNGA - Você atua em quais outros campos de negócios?

TRAFICANTE - Vacinas, ensino fundamental, médio e superior, igrejas, instituições finan-

ceiras, canais de TV, jogos on-line, brinquedos infantis, moda, cosméticos, jornalismo. São tantas as frentes *que às vezes me perco.*

BULUNGA – Em outras palavras, tá tudo dominado...

TRAFICADO - (risos) "Tá dominado: tá tudo dominado"...



O velho e a praia

Jorge F. Isah



ParTe XVI

Os pássaros cantavam. Eram sons curtos, longos, estridentes, harmônicos, sutis e alguns perdulários, na gastança de notas, tons e alturas nitidamente salientes. Esses talvez estivessem dispostos ao acasalamento, talvez sentinelas a anunciar o perigo, ou exibicionistas de seus musicatos. Talvez um repente sem versos, onde o neumático era a única linguagem e mensagem básica e inexorável da profusão de artistas, papéis e desempenhos no palmo muitas vezes sem plateia, ou público indiferente às mais triviais porém dignas e elogiáveis performances. Alguns casos pareciam ostentação, como daquele Bem-te-vi empoleirado no fio de alta tensão, a desfiar o canto por mais hora ininterrupta. Depois de 20 minutos ou um pouco, Antenor saiu para observar o ato da avezinha, e era possível, mesmo a uma distância de 30 metros acentuada pela miopia, ver o peito amarelo arfar vigorosamente enquanto se movia em tremores rápidos e elegantes, a denunciar alguma alegria, prazer e, quem sabe, agradecimento aos céus pela chuva repentina e breve de agorinha. Esfregou os olhos, alisou a cabeça, e voltou para

dentro. Colocou os grãos de café no moedor manual, girou a manivela e rítmico sentiu a dureza dos bagos resistirem ao giro e compressão da lâmina mas, pouco a pouco, cedía e o pó alojava-se no coletor. Ouvia um caminhão chegar, e o som dos freios a parar o truck um pouco abaixo. As portas se abriram, e baques fecharam. As vozes se amontoavam, e enquanto colocava o filtro com o pó no cachimbo e o rosqueou à cafeteira, rapidamente estancou, por segundos, a aguçar os ouvidos e tentar distinguir algo. O Bem-te-vi se calou, e da janela avistou o cabo estático e vazio entre os postes. Ao longe, outros pássaros e seus sons não se destacavam, ao menos, a distância. Chegavam exaustos, indefinidos, efêmeros... Fritou dois ovos, decorou com duas fatias de queijo e dois tomates cerejas, salpicou dois punhados de orégano e duas pitadas de curry. Colocou no prato, pegou o café e sentou-se diante da TV para, enquanto degustava, ouvir uma aula de inglês. A mulher a dizer sempre, mas não agora quando ainda dormia:

— Não sei pra quê estuda tanto! De que serve tudo isso? — A crítica não era nova. Ele ouvia silencioso, e não mais respondia à provocação. Até que...

— Quanto isso vai dar algum dinheiro? — Era a cutu-

cada, senão máxima, definitiva.

— Tudo para você é dinheiro... Não sabe medir nada que não seja por ele... Jesus disse que não só de pão vive o homem. E não quero ser medido pela conta bancária, pelos fundos que estão ou não ali, mas por algo maior e melhor. — Antenor sentia-se agastado por repetir a mesma coisa quase sempre, naqueles momentos.

— Você e a mania de distorcer tudo e colocar palavras na minha boca. Se eu tivesse medido você pela grana que não tinha, não me casaria e nem estaríamos juntos. Não foi isso que me convenceu. E não é isso que me convence agora. Apenas quero entender o porquê de todo esse assanhamento em aprender sem que tenha um objetivo, um resultado para esse esforço.

— Não sente necessidade de aprender algo? De fazer algo que lhe dê prazer?

— Sabe que sim, mas não é ficar enfurnada em casa, em meio ao pó e mofo dos livros. Prefiro sair, pedalar na praia, tomar banho de mar e me divertir com as amigas. Isso me faz sentir viva, ao contrário de você que vive com os mortos... pelo menos, a maioria deles.

— E qual a diferença? Se entre os vivos e mortos os

mortos têm mais a ensinar, e o diálogo é, digamos, mais sábio, culto, e não está cheio de banalidades?

– Quer dizer que sou banal? É isso?!!

Colocou as mãos nas cadeiras, balançou os ombros e encarou-o atrevidamente. Por um segundo, ele não soube como contornar a situação, não a desmerecer e também não se complicar. Preferiu agilidade ao invés da franqueza.

– Não! Claro que não!... A palavra que usei não foi a melhor... A ideia era a de... – matutou – de uma diversão ingênua, descomplicada, quero dizer, sem maiores pretensões ou objetivos... Algo mais intuitivo e menos consciente... – As pausas eram como as do gago que tenta, a todo custo, não mostrar os bloqueios anormais da fala, mas acaba por ratificá-los.

– Deixa ver se entendi: quer dizer que sou uma tonta, é isso?

– Ah, não! Apenas o seu jeito de se divertir é diferente do meu. Gosto de estudar, aprender coisas novas, enquanto você quer a vida, como ela é, simples e sem descer aos abismos da alma.

Quem visse o velho discorrer, estranhava.

Conversava à maneira dos literatos, ainda mais quando estava frente a frente com um dilema, contenda ou imbróglio. Certa vez, um amigo disse:

– Antenor, você não é dado a palavrões, certo?

– Sim, não gosto. Prefiro não falar.

– Então, raios, o que vem a ser imbróglio senão um palavrão? – E riu, zombeteiro – É assim que você xinga as pessoas?

Antenor riu, também.

– É, acho que sim...

“A Bula do Placebo”

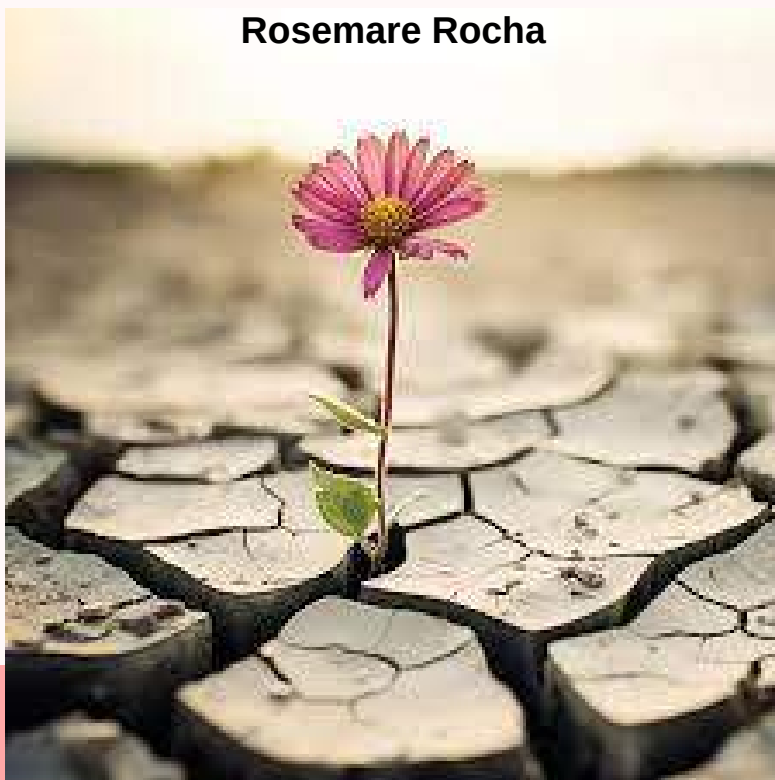


ebook: R\$ 9,99

amazon.com.br ou kalamos.com.br

FORTES OU FROUXOS

Rosemare Rocha



Penso que as facilidades da vida não forjam pessoas fortes. Pode ser apenas uma tese pessoal e pode não estar correta para as outras as pessoas. Quando eu dava aulas, quase trinta anos atrás, durante muito tempo repetia a abordagem: eu perguntava aos alunos se eles sabiam muitas coisas da sua história, da história das suas famílias. Quase sempre, uns gatos pingados, diziam alguma coisa. A maioria não sabia nada sobre como eram as suas famílias, como haviam surgido, vivido, etc.

maioria não sabia nada sobre como eram as suas famílias, como haviam surgido, vivido, etc.

Lembro que ficavam surpresos quando, dizendo certas verdades, falava que ninguém veio para o Brasil a passeio. Italianos, além dos turcos, libaneses, vieram para cá porque os locais onde viviam havia se tornado, por vários motivos, verdadeiros infernos. Até mesmos os portugueses. Os próprios índios vieram de longe, do norte das Américas, e há quem afirme que boa parte eram chineses, vindos da China, claro. Não tinha sossego em suas próprias terras por serem perseguidos por tribos inimigas.

Todos temos uma história de privações que muitas vezes, pela melhora de vida, nos envergonhamos até de lembrar. Vi uma vez o Sílvio Santos dizer que morou em um cortiço, onde o único banheiro, na verdade uma privada, era lá fora. Eu não encontro pobres dizendo que faziam as suas necessidades em fossas e que o medo das crianças era caírem naquele buraco com fedor e mistério. Passei por tudo isso e muito mais, como já prometi contar aos poucos por aqui.

Minha chegada neste mundo foi muito complicada,

fora da curva, e não sou a única. Muita gente tem vergonha de admitir a sua realidade. Digo que sobrevivi, e cheguei até aqui por Deus mesmo; me desculpe se alguns presunçosos tiram Deus da equação.

Aos cinco anos não andava e não falava. Fui para a escola aos dez e parecia que tinha sete ou até seis. Tive quase todas as doenças infantis, tirando meningite e paralisia infantil, graças a Deus, senão estaria morta ou aleijada. Minha pele era ressecada e rachava, seja no frio ou no calor. Tinha perebas por toda a perna. As galinhas, minhas amigas, tiravam as casquinhas quando elas saravam sozinhas. Tive hemorroidas por causa da dieta pobre, e mamãe me curou usando um procedimento indígena, que em outra hora conto.

Aos quinze anos, após uma briga com o meu meio-irmão mais velho - aliás, todos eram mais velhos do que eu -, fiquei sabendo que a minha mãe não era a minha mãe. Engraçado que certa vez ouvi quando meu pai me levou ao mercado central para encontrar os amigos e jogar conversa fora, um deles perguntou ao olhar para mim, e ver o meu cabelo loiro... Sim, eu

era moreninha ou, tecnicamente, negra, mas com o cabelo amarelo:

"Esta é a filha da Odete?"

(Homens sempre mais cúmplices uns dos outros do que mulheres!)

Meu pai, orgulhoso, respondeu:

"É!"

Quando meu irmão gritou, da sala, a respeito da minha madrasta: "Ela não é sua mãe", o meu mundo caiu, e esse acontecimento me veio a memória. Difícil descrever o turbilhão de coisas vindo à cabeça em um único segundo. Por ser atrasada, essa palavra é até suave, no meu desenvolvimento, a fase das perguntas infantis estava deslocada em minha vida de pré-adolescente. E a minha madrasta, até então se passando por mãe, tinha que aturar as minhas perguntas sinceras mas talvez muito inocentes ou ingênuas, ou mesmo bobas, para a minha idade.

"Mãe de onde a gente veio?"

"Veio como?"

"Como todo mundo que viveu antes da gente viveu? O que fizeram? Era todo mundo bom?"

"Não tem como saber, Paixão!"

"Não tem? Como?"

"Porque não tem, Paixão!... só Deus sabe, Paixão."

"Como Ele sabe mamãe?"

"Não sei, Paixão! Só sei que sabe."

"Sabe tudo?"

"Sabe."

"Aaah..."

"Ele nos vê no escuro? Nos vê pelada?"

"Ah, Paixão! Tem paciência! Vá lá na fábrica de móveis buscar 'serralha' para o fogão... tem almoço para fazer."

Aposto que alguns de vocês entenderam a coisa do fogão.

Confortos e facilidades gratuitas nos fazem fracos. As dificuldades nos fazem fortes.

A mim me fizeram.

E a você?

Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com





KÁLAMOS

www.kalamoseditora.com.br



coluna do

ClodoKill

Fernandes

Bebê Reborn ou o Apocalipse de Látex

Primeiro, vieram os filhos de verdade. De quando Adão se uniu a Eva. Nasceu Caim, Abel e, posteriormente, Sete. É provável que haja outros, mas o que ficou registrado e marcado na história foram esses, nos primórdios do mundo. E assim, veio a família.

Milênios depois, vieram os "pets". Havia cães e gatos. Depois ratos. Coelhos. Lagartos. Serpentes. Aos mais dóceis e vulneráveis, vestiu-se roupinhas, babados, fitinhas, e em alguns se fez tatuagens. Vão a psicólogos, creches, recebem joias, bijuterias e cartões de créditos. Há os que recebem heranças. Eles, os animaizinhos, não sabem disso, nem para

que serve isso, pouco se lhes dá a cor, a costura, metal ou valor. Para alguns deve ser um saco, o desejo de arrancar o couro do tutor a mordidas, mas, afinal, como saber o que lhes passa pela mente? Mas, também, são da família.

Não muito depois, veio Tamagotchi, e o que era coisa de criança ganhou adolescentes e adultos. Alimentar, dar banho, cortar o cabelo, levar ao médico e proteger, ainda que seja apenas virtualmente, foi alvo da atenção de milhões; e os bichinhos se tornaram vítimas de cuidadores relapsos, morriam e ressurgiam de chips e seus salvadores. E a família só não foi afetada pelas "coisinhas", porque a onda durou pouco e entediou a maioria.

Concomitante, vieram as famílias com dois pais, duas mães e até mesmo múltiplos pais e mães, sem que se saiba ao certo quem é um ou outro e, em muitos casos, nem eles mesmos sabem se auto distinguir, a depender do dia, do ambiente e a quem se reportam. E a família foi ganhando novos contornos, alguns bem roliços.

Agora, o que parecia impossível, aconteceu... não, acontece. Surge o "fenômeno" ("nem tanto, nem tanto", diria aquele personagem humorístico) do Bebê Reborn: são os novos alvos do mais rampante afeto humano. Se você não sabe do que se trata, dê um Google. Alguns são tão realistas que parecem filhos do Chuck ou bebês de Rosemary.

Não sei de você, mas, para mim, quem trata bonecos como se fossem gente, e trata gente como bonecos, tem um sério problema cognitivo, para dizer pouco. Já ouvi de casos de divórcio onde as partes esquecem o imbróglio sobre imóveis, aplicações financeiras, participações societárias, ouro e outros bens valiosos para se estapearem, metaforicamente, pelo tal bebê (afinal, têm de dar bom exemplo ao pimpolho). Vá lá um pobretão, mais duro que canela de pau, brigar pelo neném quando é a única coisa que se tem. Mas rico, que pode ter o que quiser, se gastar com isso?

Já deve haver pensão alimentícia para os tais, clínicas médicas e planos de saúde, boutiques, advogados, spas, restaurantes e viagens exclusivas

na fábrica da Estrela. Chegarão aos bancos escolares, universitários, lecionarão e contarão piadas. Em breve, serão âncoras de telejornais, juízes de tribunais, tesoureiros de partidos políticos, terroristas e criminosos, sem que ninguém seja culpado por espalhar fake news, corrupção ou a morte da plebe de ingênuos.

Ah, em Minas Gerais, existe um projeto na Assembleia Legislativa para punir gente que deseja utilizar os serviços do SUS para os primatas de látex, silicone ou o raio que o parta! Já antevejo os tribunais cheios de processos e acusações de negligência estatal e intolerância, quiçá, racismo em relação aos artefatos simulatórios.

Como muitos se acham certos, e a questão não é o direito mas se está direito, não devem faltar psicólogos, terapeutas e assistentes dispostos a zelar pela sanidade mental dos pequeninos. Já os "pais"...

E a família do futuro (muito mais perto do que você imagina) será produzida na fábrica americana, ou chinesa, vá lá, brasileira, mais próxima de você.

Talvez, com alguma sorte, será o fim.

C'EST LA VIE!

HELVÉCIO S. PEREIRA

Um dos porteiros do meu prédio (são quatro), na escala doze por trinta e seis, parou de trabalhar repentinamente. Imagine oitenta apartamentos com um monte de fofoqueiras; e apenas uns gatos pingados (a maioria - o pior entre os piores - petistas), que veem as reuniões somente como local de "barraco"? Que nunca leem, pelo menos corretamente, qualquer aviso na portaria? O tal do porteiro sumiu e passaram a dizer que ele havia se acidentado em uma moto (ele tem um carro, mas vai sempre de moto); que havia se embriagado em festa de amigos, brigado e levado uma surra porque é baixinho; que havia sido chutado pela mulher, que fugiu com uma amante, e por aí enveredavam as estórias, num verdadeiro telefone sem fio.

Depois de quase um mês, eis o "lourinho" no seu horário, à noite, com algumas cicatrizes não tão graves mas aparentes em toda a cabeça. De duas a três senhoras a fazer as mesmas perguntas e a demonstrar a feliz volta ao coitado. "Lourinho, o que aconteceu?" E antes de qualquer resposta, já iam disparando as prováveis teses. Ele sendo calmo, ou-

via primeiro, sorria amarelo, e depois tentava interrompê-las com os fatos, no que era frequentemente interrompido por risos, diálogos paralelos, frases de efeito, bordões e, vez ou outra, a menção de um terrível caso acontecido com alguém não se sabe onde. Ocorreu na primeira jornada de trabalho, e talvez em mais uma ou duas. As mesmas perguntas sem esperar respostas; as mesmas felicitações e as mesmas interrupções, independente da verdade; o mesmo descuido e quiproquó que, apesar de tudo e todos, não afetavam a recuperação do funcionário.

Até chegarmos eu, a Rose e meu filho. Enquanto a Rose conversava com outras duas mulheres, à espera de uma terceira a concluir o "diálogo" com o porteiro, eu, que não sou tão impaciente, já engatilhei:

"E aí Lourinho, disseram que você caiu da moto...!"

Ao que ele, não sem paciência mas aliviado para dizer publicamente a verdade, arrematou:

"Não, nada... o povo fala... Fiz um implante".

Abaixou a cabeça e mostrou o alto da cachola. Uma grama, digo pelos áridos, se espalhavam sobre o seu crânio... Sem dizer que ficou bom ou mais ou menos, na verdade os resultados só aparecem bem depois, arrematei de novo:

" E foi caro?"

Ao que respondeu fazendo uma careta de lamento:

"Dezoito mil reais....!!"

Meu ex-genro ainda não está calvo, mas a testa está grande, agravada pelo fato de ter um cabelo perfeitamente liso, usar capacete no trabalho, cortar o cabelo frequentemente muito baixo e lavá-lo muito. Claro, a genética de um ex-cabeludo, predestinado a ser calvo, é o maior fator. A minha filha, certa vez, levou uma amiga em um lugar especializado em fazer perucas e apliques que têm ótimo resultado, e o preço não passava de trezentos e cinquenta reais.

Outros carecas famosos preferem esse método, como o pianista e cantor Elton John, por exemplo, careca, calvo desde os seus vinte e poucos anos. E não são cabelos de plástico ou muito diferente do que os normais. É um trabalho perfeito.

Suspeitamos que certo ministro topetudo use, mas, deixa prá lá!

Enfim, bem mais rápido, barato e mais eficiente que o procedimento de tirar fios de onde ainda se tenha - imagine! - e colocá-los no cocuruto, que segundo o "Lourinho", dói horrores, além de ser um inferno para dormir com a cabeça em um simples travesseiro. Tomar anti-inflamatórios, remédios para dor, não to-

mar sol e imagino, só imagino, não fazer sexo! (rá-rá-rá!) Mas não era prá isso? Segundo o próprio o Lourinho: "elevar a autoestima"?

Outro colega, professor, um metro e noventa alguma coisa, também fez o procedimento há tempos, custou a bagatela de onze mil reais. Alguns tentaram gozá-lo, ao perguntarem repetidamente o que ele tinha feito. Na calma, respondeu sem quebrar as cabeças de ninguém, timidamente: "fiz implante." Da minha idade, casado com uma mulher bem mais nova (segundo dizem, um "mulherão"), além de ficar com os braços mais grossos que as minhas coxas, o tórax de boxeador, e fazer harmonização facial, tal sacrifício é compreensível. Afinal, mulheres levantam os seios com próteses, clareiam os dentes, e ostentam marcas de biquínis, para quê? Não é mesmo? Não essas coisas sejam erradas, mas um dia, cedo ou tarde, teremos que encarar os fatos: mudamos inevitavelmente para pior, pelo menos externamente. Alguns mais rapidinhos, outros mais lentos, mas sempre mudaremos.

Pior é enlouquecer negando a dura verdade.

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com





REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

Primeiro, acredite no governo. Vote, defenda, brigue e se sujeite às maiores loucuras a fim de proteger o seu político de carteirinha. Nunca se esqueça do que ele diz: "eu cuido de você!". Escreva em um bloquinho, caso saiba escrever, a frase da sua vida, dita pelo seu chefe: "sem mim, nada podeis fazer". E então, se possível e a grana deixar, cole na parede do quarto um grande pôster do seu político sorrindo, acenando e demonstrando, "espontaneamente", o quanto é confiável e quer o seu bem. Ah, ia me esquecendo: jamais conteste ou duvide das atitudes dele e, se confrontado, repita

em alto e bom som: "Não permito que fale assim do meu papai ou mamãe". Afinal, isso, a ingratidão, é coisa de filho bastardo, não é?

Segundo, acredite na mídia. Leia, ouça, não se canse de ler e ouvi-la, seja TV, rádio, YouTube, X, ou a plataforma da sua preferência. Eles são imparciais e, como os políticos, existem por você, para deixá-lo a par dos últimos benefícios do governo e fazê-lo entender que o mal é bem, e o bem mal; de que pé de galinha e salsicha são os melhores alimentos do mundo, e, por isso, pensando em seu bem-estar, abriram mão de comê-los em troca dos inapropriados e nocivos filés, lagostas e caviars. Se possível, assista a todas as edições dos telejornais e ria na cara de quem, por algum motivo, duvide da lisura e independência da emissora. Afinal, por que acreditar nos próprios olhos se existem outros mais confiáveis, mesmo escondidos entre saias e calças, onde depositar a esperança, não é?

Terceiro, acredite que não é gado e não faz parte de um rebanho. No fundo, isso é coisa de bolsomi-

nion ou lulalarápio. E se você está de um lado, o gado está do outro, e vice-versa. Chame o outro de gado enquanto muge. Chame-o de idiota enquanto é utilitário. E jamais se esqueça de que a verdade está do seu lado, a despeito de não crer em verdade absoluta. Se possível, defeque enquanto caminha atrás do líder, cuspa, vomite, e, por onde passar, deixe a sua marca: pinche paredes, faça desenhos obscenos, xingue a mãe dos outros como se não tivesse uma, ameace matar sicranos e fulanos, erga o punho alto o suficiente, berre além do suficiente, conclame outros a fazer o mesmo, e depois de muito esforço e cansaço, deite-se para ruminar.

Você é um perfeito, ou quase perfeito, imbecil!

VISEU NOSTROMO

Sammis Reachers

De longe o mais simpático e afável dentre nós. Sua passagem foi um baque, um estorvo em nossas lides.

No funeral, um de nós lembrou-se de seu projeto, leit motiv final de sua passionalidade, seu "Projeto Melquisedeque": a cada dia do ano ele se propusera publicar nas redes uma lenda, uma lenda que remetesse a algo da revelação judaico-cristã que supostamente jazia "perdida" na cosmovisão de cada povo - de algum povo dos 12 mil que o mundo habitam. Só mesmo um antropólogo. Só mesmo um missionário... Tudo estava em seus arquivos, ou melhor, "na nuvem", como ele dizia. E era bonito olhar o celular pela manhã e ver aquilo, enquanto ia para o trabalho. Pequenos relatos que refundavam sentido em minha vida marásmica, miasmática, miserável.

Anos de pesquisa.

Faltavam três meses para a quebra calendária, a passagem do ano. Deste ano mau. Noventa textos, provas, indícios. Agora órfãos. Precisamos retomar seu projeto. Ele merece, disse Dario. Nós outros dois abaixamos a cabeça em concordância.

O sinal abriu e continuei lá, pensando. Ora! Não riam: é preciso muita coragem para ser bom. Ontem percebi isso. Porque falhei em muitas ruas, ao tentar me aproximar de pessoas encharcadas, para tentar ajudá-las. Então parei para comer uma broa de fubá e tomar um queimado, aquele leite quente com canela, virado para a rua, olhando. Se fosse por mal, seria fácil. Se fosse por vaidade... Bem, é, talvez fosse por vaidade, quando se pensa que estou falando aqui para todos vocês o quão bom sou ao tentar ajudar... Mas vejam: o Homem de Face Serena já se irritava com o filho que diz "irei trabalhar hoje para você, meu pai" e não vai. Quem sou? Pois bem: eu continuei meu caminho, insatisfeito de covardia. Parei em mais um sinal, desistido. As gotas quebravam meu rosto contra o ruído crepitante do asfalto molhado. Olhei para o lado e vi um senhor de muleta, descalço, atravessando entre carros e fora da faixa. Quase atropelado! Fui até ele e o ajudei, dando meu ombro, a segura por alguns minutos, algum apoio. Vejam: não importa o quanto eu quisesse, antes, ter ajudado. Até para isso há momento propício! Porque, enquanto eu o levava, caí e por isso estou com a mão enfaixada.

Éramos últimos, (sub?/trans?) cristãos de meia idade em trânsito ou em luta entre o nominalismo (morte) e uma volta à fé atuante. Compartilhadores de piadas e versículos, frivolidades e insânia. Em dias amargos e vendidos, pornografia. Agora precisávamos descobrir sua

senha. A senha de um cientista e poeta e coligador de bromélias. Tentamos datas importantes, depois o básico ('senha123'), depois nomes de almas próximas. Sem recurso, ensaiamos senhas parecidas com as nossas: w@rlord1978, catskills67, darkwatt#rs. Nada. Dias passando.

Um dia, lanchando na urbe cinza quente, exausto do inferno que são os outros, vi uma flor cair de uma árvore do calçamento. Rodopiou lenta, alheia, acima do simulacro cinza. Lembrei de meu amigo e sua alma lenta e flor.

No escritório branco gelo confirmei o intuído lá no cinza: "primavera" era a senha do homem melhor que nós.

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



ATENDENDIMENTO NÃO-HUMANO

Michel Salomão



A inteligência artificial já vem sendo usada há mais tempo do que as pessoas imaginam, na forma de prestadoras de serviços, pelo telefone, que utilizavam mensagens gravadas do tipo "aperte 1 para isso, ou 2 para aquilo, até chegarem ao 9 ou 0 para retornar ao menu". Hoje em dia, a luta é travada no WhatsApp, e a gente nunca consegue resolver o nosso problema, que miseravelmente não está relacionado em quaisquer das opções, de 1 a 9 ou 0, que somos obrigados a digitar, sem que eles transfiram para um atendente

humano. Nas raríssimas oportunidades em que o sortudo consegue conversar com uma espécie carnal, esse indivíduo não possui a mínima capacidade de resolver o seu problema, simplesmente porque, na maioria dos casos, ganha um salário-mínimo e não reúne as mínimas qualificações para o cargo. E também não existe no organograma da empresa um supervisor ou gerente a quem possa recorrer.

Ainda assim, as empresas investem pesado nessa tecnologia, que nos proporciona uma experiência extremamente irritante, muito mais do que aquelas mensagens que chegam no "zap", passadas por grupos de famílias ou colegas de trabalho, que insistem em replicar os famosos "bom dia", "boa tarde" ou "boa noite" ilustradas com flores, borboletas e bichinhos fofos. Chego a imaginar que esses parentes e colegas também não são humanos.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



DISCURSO NO BANQUETE DOS MILITARES

Luiz Libório Alves da Silva

Irmãos, irmãs: vejam como parte à nossa direita o sol que surgiu de nossa esquerda, imerso de esplendor como outrora emergiu. Olhem como se vai em amálgama róseo e magma, em cascata brônzea, mênstruo e nostalgia. Quando veio, há pouco, era fogo sobre esta face do planeta. Agora nos deixa, confiante que com a parte dele em nós absorvida iluminaremos a noite. Oh, meus iguais! Conseguiremos? Antes, aos soldados era dada a honra de protagonizar os cantos heroicos que se iniciavam com a invocação da aurora. Houve o dia quando a guerra habitava o coração da poesia. Agora, a nós fica resguardado o crepúsculo, apenas, e sua subsequente anti-esperança. Antes, entre macedônios, aborígenes, entre rodas de bigas e hussardos alados, habitava o anseio pelo heroísmo que fosse cantável. Porque antes respiravam homeros, porque antes não explodíamos nossos rivais, ao detonar de um explosivo, mas olhávamos fixamente para seus olhos. Vejam como se dispõem ciclicamente as esta-

ções: ainda morremos. Porém, sem a redenção de ser pela mão direta do inimigo. Vejam como glória alguma nos posiciona em front, quando mortos em bombardeio. Vejam como o mesmo sol que engrandecia Aquiles nos diminui! Vejam o medo, a impessoalidade, a burocracia. O tambor, sem mais demoras aqui proponho, o tambor tem que nos ser novamente a principal artilharia.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

O PIJAMINHA ROSA



Michel Salomão

Ele sempre ganhava pijamas de presente no natal. Mas desta vez ganhou um pijama cor-de-rosa. Nenhum problema com relação à cor, mas foi uma surpresa verificar que fabricavam pijamas dessa tonalidade para homens, pois antes estava restrita ao universo feminino para camisolas, blusas e vesti-

dos, e até carros, da marca de cosméticos Mary Kay. Mas pijamas masculinos, definitivamente, não.

Com essa história de identidade de gênero ganhando destaque no cenário mundial, era previsível que acontecesse. Afinal, de acordo com recente pesquisa, 14% da população brasileira é assumidamente gay. O segundo lugar é dos Estados Unidos, tem 10%, quase todos concentrados na Califórnia, e a maioria dos países fica na média de 4%. A indústria da moda, certamente, está atenta a isso, e por este motivo lançaram o tal pijama rosinha. Mas o que levou essa pessoa a acreditar que ele fazia parte desse grupo minoritário, que grita como se fosse majoritário, e exige os seus direitos acima de outros grupos oprimidos, até mesmo dos afrodescendentes, dos deficientes físicos e mentais e dos gordos. Eles estão conquistando privilégios em vestibulares e em concursos públicos, e se acaso um candidato gay, preto, gordo e autista prestar exame e tirar zero, ainda assim será aprovado, considerando a soma de suas cotas.

Fica difícil para o cidadão comum, hétero, branco,

careca, barrigudo, quatro-olhos, que tenha chulé e seja feio de doer competir em exames de seleção com esses elementos considerados "especiais": terá que se conformar em trabalhar em um escritório de contabilidade até que tenha um infarto fulminante em sua mesa de trabalho ao comer um Big Mac diante da tela do computador.

Mas vamos retornar ao tal pijama rosa: não conseguiu usar. Teve medo de ser surpreendido por sonhos homoafetivos, quando seria o Bambi e pulularia pelos campos até ser alcançado por um javali. Por quê um javali? Sei lá: foi a primeira imagem que lhe veio à cabeça, em contraponto à imagem delicada de uma corsa saltitante. Os javalis são muito horríveis, grosseiros e fedorentos, o modelo de macho-alfa que a sociedade moderna quer reprimir. Javalis jamais usariam pijamas cor-de-rosa. Nem ele.

NEM ROMEU, NEM JULIETA



Nicanor Reyna

O nome dele era, Romão, nome de velho, mas ele não devia ter mais de 25 anos, e foi um nome muito usado nos anos 40 ou 50, só que ele nasceu no final dos anos 90, e não se sabe se os pais decidiram homenagear algum parente ou amigo homônimo, cujo significado é "cidadão de Roma" ou "representante", mas isso não vem ao caso: o cara era mirrado, franjinha colada na testa, dentuço, orelhas grandes, feio de doer, bem diferente da imagem que faríamos de um gladiador romano. Mas tinha uma autoestima fabulosa, e se arriscava com as mulheres mais bonitas do bairro, sem se importar com o risco de sofrer um processo por assédio, porque hoje em dia homem não pode elogiar

uma mulher. Passar uma "cantada", então, é impensável, e assim eles acabam se ajeitando com outros homens.

Juliana era uma morena grande, voluptuosa, com curvas bem delineadas por arquiteto habilidoso, um cabelão preto escorrido, tratado com muito dinheiro em salão de beleza, mas ela não era de conversa fácil: passava com passos rápidos na frente do bar onde o Romão tinha sua cadeira cativa na porta, ele com o seu inseparável palito entre os dentes, camisa florida aberta, bermuda jeans aproveitada de uma calça que havia rasgado no joelho, e chinelo de dedo nos pés.

Ele estava ciente de que a garota era "muita areia para o seu caminhãozinho", mas seguindo os ensinamentos de seu mestre Gentil (o nome era esse mesmo), sempre dizia que não tinha problema, pois "poderia fazer várias viagens".

Numa tarde como esta, com a temperatura não passando dos 21 graus, a morena Juliana passou em frente ao bar, voltando do trabalho que ficava ali perto, um escritório de advocacia, e caminhava a pé em direção à sua casa, que ficava no final da rua. Romão estava inspirado, e ninguém sabia se havia treinado para isso, quando gritou, a menos de cinco metros da

moça:

- Estou ficando cego! Estou ficando cego!

A garota se assustou e parou por um instante, sem entender o que estava acontecendo.

- Tamanha beleza ofusca a minha visão, e esta moça será culpada se eu agora morrer de paixão.

A garota sorriu, pois não estava esperando por uma abordagem tão ridícula, mas a sua reação foi altamente positiva, conforme afirmam os estudiosos do assunto, entre eles o Gentil, um poeta conhecedor dos sortilégios do amor, que dizia com propriedade que as mulheres normalmente se sentem atraídas por homens engraçados. Mas o problema é que o Romão era muito feio. Porém, havia aquele ditado que dizia que "quem ama o feio, bonito lhe parece", e ele acreditava fielmente nessa poderosa mentira, e naquele dia a coisa ficou assim: ela seguiu o seu caminho, enquanto ele quase foi carregado pelos frequentadores do boteco, como se fosse um campeão do futebol, pois afirmaram que ela teria "dado bola" para ele.

Romão não se conteve de ansiedade de chegar o dia seguinte, para ver a Juliana passar na frente do bar, quando tentaria, mais uma vez, abordar a garota com

alguma frase criativa, mas ela não apareceu. E também não deu as caras nos próximos quatro dias. Os companheiros do boteco, os mesmos que o haviam enaltecido no dia anterior, agora diziam que ele teria assustado a menina com a sua feiura, mas ele não se deu por rogado: comprou uma flor na mercearia ao lado e foi até a casa dela, para ver o que havia acontecido com a sua musa.

Quem atendeu a porta foi a mãe dela, que falou que a filha havia adoecido e estava de cama, quando ele se apresentou como um colega do trabalho. Ela o convidou a entrar, mas a moça ficou confusa ao ver aquele estranho que invadia o seu quarto, mas logo se lembrou do episódio de dias atrás, quando riu da bobagem que ele havia falado.

- Peço perdão por vir, assim, desse jeito, mas fiquei preocupado porque você sempre passa na rua, mas sumiu nos últimos dias...

- Você está me vigiando?

- Sim, confesso! Não posso deixar de admirar a sua beleza. Eu sou culpado: pode mandar me prender – e ofereceu os pulsos, como para ser algemado.

- Você é muito bobo... - e sorriu.

"Ela está no papo", ele pensou, e era verdade. Ela não precisaria daqueles elogios, pois era realmente muito bonita, e os homens, na maioria das vezes, não se arriscavam. Não demorou duas semanas e já estavam namorando. Ao contrário dele, a moça possuía uma autoestima não muito elevada, e os elogios e mimos que ele fazia acabaram por conquistá-la, ela que mal saíra de uma depressão profunda, por razões que ninguém poderia entender, enquanto ele a considerava apenas mais um troféu para a sua coleção, e em breve teria que retomar o campeonato. Com a conquista garantida, ele foi se afastando gradativamente, seguindo os preciosos conselhos do Gentil, o filósofo, que bradava que os homens não podem se apaixonar, pois ficam tolos e vulneráveis, e inventava compromissos para não encontrá-la, mas quando acontecia de vê-la, ficava distante, pensando em outras coisas, e a garota silenciosamente se desesperava, tinha crises de ciúmes veladas, comia bolos e biscoitos recheados como uma louca, e em poucos meses chegou a engordar vinte quilos. Um dia ele sumiu definitivamente sem dar explicações, e ela tomou de uma só vez todos os re-

médios que havia em casa, entre eles, alguns "tarja preta", tendo uma parada respiratória, mas os médicos não conseguiram reanimá-la.

Romão não foi ao seu enterro, pois soube do episódio com atraso, e ficou se remoendo de remorso, sentimento que nunca havia experimentado antes, pois estava sempre focado em seu ego abalado pelo desprezo que teve que engolir ao longo da vida, de ser deixado para trás quando seus amigos iam para a balada, pois diziam que ele poderia atrapalhar, e até nos jogos de futebol da escola era deixado de fora, pois não acreditavam no seu potencial esquelético, e assim foi se armando, inventando os seus truques para sobreviver neste mundo de cão, acabando por ficar totalmente insensível, até que um dia, ao atravessar a rua, distraído com o seu sorvete de morango que havia escorrido pelo punho da camisa branca, por onde entrou um fio do caldo formado por gordura hidrogenada, açúcar e corante cancerígeno, em quantidades que poderiam despertar diabetes até em um hipopótamo, foi atropelado por um caminhão desgovernado e morreu na hora. Foi esse o desfecho de uma história de amor meio sem graça.

O Silêncio que Crita: porque Quem Vê Não Curte

Patrick Marcman

Todo projeto que se empreende carrega consigo uma expectativa de sucesso – e, junto dela, o medo da não aceitação. Essa expectativa envolve resultados positivos, apoio de pessoas próximas e disposição para superar cada etapa rumo ao êxito. Já o medo nasce da incerteza: do que virá em seguida, da forma como os outros o verão e do grau de frustração caso algo saia do controle.

Entre as fontes de apoio mais esperadas estão a família, os amigos e os colegas de trabalho. São três grupos relativamente fáceis de observar no início de qualquer jornada. E, nas redes sociais, especialmente no Instagram, o comportamento desses grupos revela conclusões surpreendentes.

Observe quantas pessoas visualizam o que você posta, mas não curtem. Tudo bem se a postagem for irrelevante – eu também não curtiria –, mas e quando o conteúdo é bom, inspirador ou bem elaborado, e mesmo assim cai no limbo? Por que isso acontece?

A psicanálise oferece algumas explicações para esse silêncio digital:

Inveja silenciosa – Algumas pessoas não têm coragem de se expor como você faz. Curtir e apoiar você seria, ainda que inconscientemente, admitir que você está indo bem – e isso pode ferir o ego delas. A inveja, muitas vezes, se disfarça de indiferença.

Narcisismo ferido – Seu progresso destaca a estagnação ou frustração do outro. Curtir seu trabalho ativa dores internas e a sensação de estar “ficando para trás”. Lidar com o sucesso alheio pode ser emocionalmente difícil.

Desejo de controle ou superioridade – Para alguns, o silêncio é uma forma de poder. É como se dissessem: “Se eu não curto, não dou palco.” É uma tentativa sutil de controlar o crescimento do outro sem se expor.

Identificação reprimida – Às vezes, a pessoa vê em

você algo que também existe nela. Mas esse reconhecimento gera desconforto. Ela se identifica, mas não quer admitir. Isso gera conflito interno.

Competição inconsciente – O motivo pode ser obscuro, mas há uma rivalidade velada. Isso é comum quando existe uma história parecida, um círculo social em comum ou quando vocês atuam na mesma área profissional.

Logo, o silêncio, a falta de apoio ou incentivo, muitas vezes dizem mais sobre a psique de quem observa do que sobre o valor do seu trabalho. O olhar de quem vê, mas não curte, raramente é neutro. Ele é carregado de conclusões inconscientes, afetos não elaborados e histórias mal resolvidas.

Nem sempre o silêncio é desinteresse. Às vezes, ele é apenas o grito abafado de alguém que ainda não aprendeu a lidar com o brilho do outro. Que isso nunca silencie a sua voz.

Patrick Marcman é Engenheiro de Software,
Pós-graduado em Coach e Liderança,
escritor e palestrante.
@patrickmarcman



Exposição no banquete dos bonachões

Luiz Libório Alves da Silva

Sou como o Bobo a quem permitem dizer tudo, por estar tão próximo da sabedoria quanto o sol está próximo do viaduto. Assim sendo, aproveito para contar do meu jeito um ocorrido de ontem à tarde, de durante a tempestade. Eu ia para uma consulta médica, bem longe de casa. Teria que pegar dois ônibus, ou, como fiz, pegar apenas um e andar alguns quilômetros, poucos e rápidos. Logo que comecei a caminhar, no entanto, trombetas trovoaram e a água me veio. Que chuva! Sempre carrego a sombrinha, então abri suas asas (uma delas: quebrada) bem rápido e fiquei numa boa. Estava no centro da cidade, por isso vi, como os senhores devem imaginar, as pessoas surpreendidas correndo correndo correndo, tendo que parar de correr quando diante de um sinal vermelho. Ora, era uma tempestade! E aquelas pessoas tinham que ficar debaixo dela enquanto os motoristas passavam intactos e eu me resguardava na pequena sombra, esperando o verde pintar no longínquo outro lado da avenida. "Vou oferecer para esperarem comigo aqui embaixo", pensei. E fiquei pensando.

O sinal abriu e continuei lá, pensando. Ora! Não riam: é preciso muita coragem para ser bom. Ontem percebi isso. Porque falhei em muitas ruas, ao tentar me aproximar de pessoas encharcadas, para tentar ajudá-las. Então parei para comer uma broa de fubá e tomar um queimado, aquele leite quente com canela, virado para a rua, olhando. Se fosse por mal, seria fácil. Se fosse por vaidade... Bem, é, talvez fosse por vaidade, quando se pensa que estou falando aqui para todos vocês o quão bom sou ao tentar ajudar... Mas vejam: o Homem de Face Serena já se irritava com o filho que diz "irei trabalhar hoje para você, meu pai" e não vai. Quem sou? Pois bem: eu continuei meu caminho, insatisfeito de covardia. Parei em mais um sinal, desistido. As gotas quebravam meu rosto contra o ruído crepitante do asfalto molhado. Olhei para o lado e vi um senhor de muleta, descalço, atravessando entre carros e fora da faixa. Quase atropelado! Fui até ele e o ajudei, dando meu ombro, a secura por alguns minutos, algum apoio. Vejam: não importa o quanto eu quisesse, antes, ter ajudado. Até para isso há momento propício! Porque, enquanto eu o levava, caí e por isso estou com a mão enfaixada.

Um pecador medíocre ou: Uma conversa de bar

Roberto Vargas Jr.

Calebe Sore sempre fora um tipo ensimesmado. Seus amigos se acostumaram com seu humor melancólico e consideravam aquela feição sempre fechada e os termos sempre rudes algo cômico.

Quem não o conhecia o tinha por grosseiro, pura e simplesmente. Calebe não chegava a se importar. Já vivera invernos demais para ter ilusões de ser digno de qualquer empatia.

"Viver e deixar viver" era seu mote tácito.

Nesta noite, porém, algo o perturbava especialmente, deixando sua cara fechada ainda de menos amigos e sua melancolia ainda mais voltada para si mesma. Seus termos, porém, haveriam de ser estranhamente afáveis.

— Ei, Calebe, faz horas que você olha perdido para esse copo. Vai beber ou não?

Estava tão absorto em seus devaneios que ele mal percebia o prazer da cerveja. Certamente não fazia horas, mas já fazia um bom tempo que Calebe fitava

a cerveja como que a olhar através dela. Ergueu o copo aos lábios e tomou de um gole generoso. Era uma boa cerveja, e o fato de estar mais quente do que deveria fez com que lembrasse do prazer esquecido e o fez apreciá-la ainda mais.

— Acácio, você por acaso já foi abusado ou abusou de alguém?

Surpreso com uma tal pergunta, Acácio respondeu:

— Que papo brabo, Calebe! Não sei, acho que não. Pelo menos não me recordo de nada grave neste sentido.

— Você é um abençoado, Acácio. Seja porque sua memória o alivie do tormento ou da culpa, seja porque de fato não haja gravidade nas coisas que fez ou sofreu.

— E lá vem você me fazer pensar se há ou não algo de que me culpar...

— Não, acho que não. É bom que sua memória seja ainda pior que a minha ou que sua vida seja feita de leveza como você diz. Acho que o mundo seria ótimo se fosse feito de gente como você. Não, não quero fazer você pensar em você. Pelo menos não fiz a pergunta com esta intenção.

— Está pensando em que então?

– Um pouco em mim mesmo, um pouco em duas posturas que talvez sejam estereotipadas, mas que podemos reconhecer em uns e outros, principalmente em nós mesmos.

– Não estou entendendo nada.

– É que você já tomou cerveja demais!

Ambos riem e, após breve pausa, Calebe continua:

– Eu já abusei e já fui abusado. Na verdade acho que você também. Apenas que talvez você se ocupe mais do "grave" que do abuso. Não faço juízo sobre se tal foco é bom ou ruim. Como eu disse, estou pensando em mim mesmo e eu sei bem que eu já abusei e já fui abusado tanto em termos graves quanto não graves.

– Pensando assim, acho que tenho que aquiescer.

– Você lembra aquela piada sobre os elogios ao presbítero no caixão?

– Aquela em que a esposa, diante de tantos elogios, pede ao filho para ver se era o pai dele mesmo que estava no caixão?

– Essa mesmo.

– Que tem ela?

– Tem que eu gostaria de ser minimamente autêntico neste tempo para não ser elogiado, ou xingado, injus-

tamente após morto.

– Acho que percebo.

– Veja, eu quero evitar viver como uma daquelas posturas estereotipadas...

– Que seriam?

– Uma delas é a do santo. Deus me livre de ser santo.

– Sim, isso percebo claramente. Não há nada pior que santarrões. Por um lado eles soam falsos quanto a si mesmos, por outro impõem fardos sobre o comportamento alheio. No mais das vezes sequer conseguem viver de acordo com seus próprios fardos. É mesmo asqueroso.

– Exatamente.

– E qual a outra postura?

– A oposta a essa, a de um pecador não só inconfesso, mas mesmo orgulhoso.

– Bem, isso ninguém quer ser.

– Ah, não estou mesmo certo disso. O inverso de ver nesta sua cerveja um pecado mortal é se encher dela sem o menor controle.

– Cara, deixa minha cerveja em paz!

Novamente se riem. Calebe prossegue:

– É verdade que a gente não quer ser um abstinente

xiita nem um bêbado inconveniente. Só que a gente corre o risco de cair num erro ou outro, talvez não quanto à cerveja, mas em relação a tudo o mais. Corremos o risco de ser aquele que mostra o dedo indicador ou aquele que mostra o dedo médio...

— Corremos o risco de farisaísmo ou de cauterizarmos nossa mente...

— Exatamente. E eu quero ter a consciência disso, sem afetação. Não quero fingir ser o santo nem quero esquecer do que meu coração é capaz. Quando meu corpo jazer no caixão, não quero os elogios falsos. Também não quero ser um pecador contumaz. Quero ser um pecador medíocre. Quero me saber pecador para que eu peque menos e menos mal faça a outros. Quero que o pecado de tempos idos ainda me entristeça, mas já não me condene. Quero ser um pecador medíocre que não só foi alvo da misericórdia divina como pela graça fez algum bem àqueles que conheceu.

Acácio não respondeu. Ficaram ambos em silêncio por algum tempo e tomaram ambos mais alguns goles generosos da cerveja que era mesmo boa.

Então o semblante de Calebe descontraíu, como se ti-

tivesse tirado um peso de suas costas, pediu outra rodada de cerveja a ambos e mudou de assunto, como se tivesse já dito tudo o que precisava.

Roberto Vargas Jr. é brasileiro nômade, cristão reformado, casado e pai de três pródigos, não-escritor que escreve, pecador sob abundante graça. Autor do livro "RVJ, reminiscências de um blog". Escreve em <https://link.medium.com/GtnaWNh8yX>



FAÇA

TEATRO

Curso Profissional **& NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

WhatsApp
98025-1010

vagas limitadas!

The advertisement features a black background with bright green and yellow text. At the top right is the logo for 'NET' (Rede Nacional de Estudos Teatrais). Below the main title, there is a photograph of a theatrical performance with five actors on stage. A green WhatsApp button is prominently displayed at the bottom left, and a yellow diagonal banner at the bottom right indicates limited spots.

ATERROIZANTE

Natan de Oliveira

A vida de Pedro foi passando, correndo e fugindo rapidamente. Alguns dias foram interessantes, outros chatos e efêmeros.

A única sensação que ficou cada vez marcada na mente de Pedro é que parece que as coisas foram rápidas demais.

Parece que ontem mesmo Pedro tinha 18 anos, num "segundo" se viu aos 30, os 40 chegaram com igual rapidez, nunca imaginou que chegaria aos 70, e mesmo assim os 70 chegaram tão rápido quanto os 40.

A sensação de eternidade que estava no coração de Pedro começa a tremer nas bases.

Então um dia Pedro acordou, meio desanimado, meio depressivo. E com a cabeça ainda no travesseiro, coloca na balança sua vida e constata que não foi digno e honrado em nada AOS OLHOS DE DEUS.

Seu nome em duas gerações estará completamente esquecido da memória dos vivos, sobreviverá talvez apenas em livros.

Nem mesmo uma alma sequer dos que viverem em 200 anos no futuro estará disposta a limpar ou tirar o mato que se acumulará na sua sepultura.

Se é que terá uma sepultura, se é que os seus ossos não serão varridos para um canto qualquer e o seu espaço dado a outro corpo de um outro ser insignificante como ele Pedro foi.

Uma profunda decepção se apodera de Pedro.

Faltou amar...

Faltou conversar...

Faltou humor...

Faltou tanta coisa...

Mas principalmente faltou considerar seriamente a possibilidade de se encontrar com Deus um dia e prestar contas da sua vida fútil.

O sucesso tão sonhado não chegou para Pedro e quando pareceu que tinha chego, foi ilusório e passageiro...

A riqueza tão buscada não veio nem pelo trabalho nem pela sorte, e Pedro imagina que se tivesse vindo, apenas o ocuparia ainda mais com coisas sem importância e na satisfação de deleites insaciáveis e egoístas.

Tudo parece ter dado errado.

E numa certa manhã o médico lhe diz claramente que não viverá muito mais tempo.

Tem câncer e está em estado terminal.

A Pedro só serão dados cuidados paliativos e remédios para a dor.

Estes remédios irão aliviar-lhe de alguma dor, mas trarão o efeito colateral de ir parando os seus órgãos aos poucos.

Logo, logo nem consciência terá, e até mesmo nas suas reflexões incoerente será.

O cenário acima é hipotético...

Pedro é um personagem imaginário.

Mas nem tanto...

E então...? Diante de uma situação semelhante a essa, que farías?
O que Deus tem para nos dizer num cenário semelhante?

Deus nos diz claramente "PREPARA-TE PARA TE
ENCONTRARES COM TEU DEUS" Amós 4.12

Saiba que não irás caminhando até Deus, mas serás levado e se necessário arrastado contra a tua vontade diante Dele te apresentarás.

Diante Dele estarás totalmente "nú".

Nada escapará aos olhos de Deus.

Os livros serão abertos, e todos os malditos e indizíveis pecados que fizestes serão lidos diante de Deus.

Nenhum só pensamento oculto será esquecido, nenhum só segredo oculto será deixado no rodapé da leitura da tua biografia que estará completamente escrita e pormenorizada sendo lida na presença do Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, o juiz perfeito, santo, imaculado.

O mais ridículo, o mais nojento pecado, a mais estúpida ação, todas e todas serão listadas e mesmo aquelas que tu não mais te lembravas, estarão cristalinas sendo apresentadas diante de ti e de Deus.

Os livros da tua vida, abertos e lidos, nada ocultarão.

Depois do que for lido nos livros, terás absoluta certeza que não haverá como escapar das mãos Daquele que tem poder de tanto matar o corpo quanto de lançar a tua alma no inferno.

Então Deus Filho, Jesus Cristo, Ressurreto, Santo, Justo, Imaculadamente e Ofuscantemente Branco abrirá sua boca e te perguntará?

- Que fizeste de Mim, de Jesus, chamado o Cristo?

Tentarás falar, mas a voz não sairá.
Os livros responderão.

E lá surgirão todas as vezes que adiastes responder ao chamado do Senhor.

Lá serão lidas todas as vezes que usastes o nome de Deus em vão.

Lá serão lidas todas as vezes que diminuístes a glória e divindade de Jesus nomeando-o como meramente mais um profeta.

Todos os dias em que dormistes sem ter orado ao Criador serão contados e proclamados, dias em que dedicastes tempo para um amontoado de coisas sem importância e no qual não sobrou nenhum tempo para orar, pois estavas muito ocupado durante o dia, e depois muito cansado para orar antes de dormir.

Lá serão lidas as horas e horas que gastastes em jogos de computador inúteis, onde na tua juventude dedicavas horas e horas do dia para explodir cabeças de supostos bandidos e soldados virtuais, destes jogos sanguinários que não tem outra função que não seja ocupar-te plenamente para te conservar para o inferno, numa vida medíocre sem Deus, sem Jesus.

Lá serão lidas as horas e horas que você passou meditando em pornografia e coisas indizíveis, que nem mesmo você teria coragem de que filmes dos teus pensamentos fossem mostrados para algumas pessoas próximas de ti, que dirá então que estes filmes sejam passados diante de ti e de Deus.

Não terás a menor coragem de fitar os olhos no Senhor, depois que os livros desvendarem e desnudarem a podridão da tua mente.

Tentarás desviar o olhar, mas como que com as pálpebras fixas por

grampos, não poderás piscar e os olhos de Deus te observarão o tempo todo, e tu ficarás mudo, sem defesa, nú, perdido, implacavelmente perdido.

Saibas de uma grande verdade: Em todo e qualquer minuto da tua vida você está na presença de Deus.

Ele te observa nos mínimos detalhes.

Tua vida demonstra desprezo pelo Senhor?
Ignoras levianamente que Ele te observa o tempo todo?

Desprezo pelo Senhor, indiferença pelo seu chamado, negligência para com o Evangelho, incredulidade para com a Sua morte, ressurreição e poder.

Então novamente Deus Filho, Jesus Cristo, Ressurreto, Santo, Justo, Imaculadamente e Ofuscantemente Branco novamente abrirá sua boca e te sentenciará!

- Aparta-te de mim, praticante de iniquidades. Vá para onde o fogo nunca se apaga e o terror mental, psicológico, real e latente, nunca se desvanece.

Contra a tua vontade então, serás jogado no lago de fogo, e tua companhia será o diabo e seus anjos.

Se você não crê que isto ocorrerá com muitos e muitos, nem sei por que você se dá ao trabalho de ler um texto assim até o seu final.

Mas se o texto faz algum sentido para você...

Por menor que seja o sentido que faça, ouça novamente o que agora escrevo em maiúsculo:

Enquanto há tempo, Deus nos diz claramente "PREPARA-TE PARA TE ENCONTRARES COM TEU DEUS". Amós 4.12

Viva de tal forma que quando os livros forem abertos, quando a tua biografia for lida, não tenhas que te envergonhar diante de Deus.

Viva de tal forma que o sangue de Jesus seja encontrado diante da tua fronte, e páginas e páginas da tua biografia estejam lacradas e ilegíveis com o lacre do "Mar do Esquecimento" da mente de Deus.

Assim não serás envergonhado e confrontado com as nojentas coisas que tu fizestes, pois elas terão sido todas ocultadas pela tinta do Sangue do Cordeiro Imaculado que na cruz pagou o preço do resgate da tua alma.

Poderás estão ouvir do Senhor:

- Venha bendito e amado, tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber, estive preso e me visitaste, não desprezaste o

o Meu nome, o Meu chamado atendeste, uma vida de santificação crescente viveste, vem... Entra na alegria do teu Senhor e participa eternamente da Minha companhia em desfrutar de novos céus e nova terra.

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.

Não tornes o dia do teu julgamento em um dia aterrorizante para ti.

Ainda há tempo para converteres o teu desprezo e a tua indiferença pelo Senhor em uma vida de gratidão e crescente santificação.

"Prepara-te para te encontrares com o Teu Deus". Amós 4.12

Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br



LANÇAMENTO



Inteligência artificial, tempo herdado e trabalho

breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon

Galeria dos Gigantes Gonçalves: Nonato, o sociopata ressocializador

Sammis Reachers

Nobilíssimo leitor, em datas pretéritas já apresentamos aqui, em nossa esporádica coluna, o perfil de gonalenses exóticos, de personalidade, aceitemos, protuberante. Gente *sui generis*, já quase nem gente, mas mito. Foram tais: Tardonho (o Lesado), Rogier (o Abraão das Potrancas), seu Onório (o viúvo do Bairro Antonina), Everaldo (o paraguaio de Campina Grande), Manolo (o Buda do Boaçú), Banzé (o mascate vingador)...

No entanto, nosso personagem de hoje se destaca dos demais pelo seu perfil ainda mais exótico que o já exótico de nossa fauna citadina.

Nonato foi a nomenclatura com que o batizaram, esse nome com cara de apelido que mais encobre que revela a natureza de nosso personagem.

Se me fosse possível resumir Nonato numa única expressão, classificação ou epíteto, seria a de "sociopata ressocializador". Sim, o empenho e missão de vida deste nativo do bairro bímunicipal de Várzea das Moças, às suas sinistras maneiras, é, através de prosaicos atos de justiça/justiçamento, cipoadas de baixo impacto, corrigir erros comuns do dia a dia de nossa sociedade, não apenas gonçalense, mas brasileira, quiçá universal.

Conheci Nonato e suas ações enquanto eu trabalhava como rodoviário, cobrador de ônibus na empresa Auto-Lotação Ingá.

Com o tempo, entabulamos uma certa amizade, e passei a manter breves, mas reveladoras conversas com o ferrabrás, quando nos esbarrávamos, em suas idas e vindas a trabalho. Era representante comercial, atuando em toda a região metropolitana de nosso Estado.

Me horrorizaram ao primeiro contato, não sem certo fascínio juvenil, os trejeitos obtusos de Nonato.

E como afinal era a práxis deste pedagogo da ação, deste lobisomem behaviorista? Você, cidadão que faz ou já fez uso de coletivos, deve conhecer (ser?) aquele

elemento, inescapavelmente do sexo macho, que se senta nos assentos coletivos de pernas bem, mas bem abertas. Assim, quem senta do lado do corredor precisa ocupar apenas meio banco, já que o espaçoso – muitas vezes nem obeso, nem obrigado pelas leis da física – ocupa UM BANCO E MEIO. Nonato nunca tentou entrar no mérito de os assentos de ônibus, barca, carroça e avião terem sido pensados para indivíduos de até certa altura e peso, regulando por baixo a heterogeneidade que é riqueza social. Sim, um problema patente das economias urbanas a que o capital nos domesticou. Nonato queimava etapas e problematizações e, numa manobra profundamente antipolítica, paria soluções. Inventor, pois todo revolucionário é fundamentalmente inventor, Nonato elaborou uma calça jeans de marca genérica, na qual, em conluio com uma prendada costureira de seu bairro, afixou nas laterais das pernas, sempre à altura dos joelhos, pequenas tachinhas, pontiagudas e rigidamente fixadas. Bem, você já pode imaginar? Era para mim sempre um espetáculo pedagógico ver Nonato sentar-se ao lado de espaçosos, e "espetar" as cabeludas pernas dos incivilizados. Na maioria das vezes rolava apenas um desconforto, um

susto que obrigava o pernudo a, em constrangido silêncio, fechar suas perninhas. Outros mais, reincidindo na espetada, percebiam o engodo, e levantavam-se, esbaforidos. E alguns poucos, valentinos de porta de bar, roncavam confusão, e não uma única vez vi Nonato chegar às vias de fato da incivilidade que combatia, aplicando no valente da vez cipoadas, agora de alto impacto, com um providencial soco inglês, outro de seus "aparatos civilizatórios". Pare um instante, e tente imaginar tudo isso, rolando de segunda a segunda, nos muitos coletivos que Nonato pegava por dia. Posso prosseguir?

Pois tome mais. Sabe o indivíduo ou a indivíduo que gosta de se sentar no assento e colocar sua mochila, bolsa ou trouxa de panos-de-bunda no banco ao lado, interditando a vaga de quem deseja sentar-se, obrigando o cidadão a pedir licença e chamar no simancol ao João-ou-maria-sem-braço? Amiguinho, você precisava ver! Chego a me excitar ao rememorar: Nosso herói/anti-herói/vilão (a depender de quem é você no jogo social) SENTAVA-SE desabaladamente sobre as bolsas das pessoas, fossem homens, mulheres, adolescentes! Sempre sem pedir licença, sempre veloz

para impedir a retirada da trouxa. Só me lembro de vê-lo poupar idosos e infantes. Quanta confusão, quanto arranca-rabo, quanto torneio de xingamentos, quanto "trincou meu Iphone, seu desgraçado" (nessas, em especial, eu quase tinha um orgasmo anticapitalista), mas principalmente: QUANTA LIÇÃO NONATO APLICOU!

O vidigal sem distintivo virou lenda entre motoristas e cobradores. "O cara pegou seu ônibus hoje? Deu ruim? Conta, conta"...

Me lembro de uma vez indagar, encafifado que andava com aquela impiedosa persona:

– Qual é sua filiação ideológica? Você é o quê, cara? Anarquista, fascista, stalinista?

Respondeu de chofre, de trivela:

– Nem sei o que sou. Nem tenho tempo pra isso, rapaz. Sei o que faço: um mundo melhor todo dia. No sapatinho, devagar e sempre. Agora deixa eu procurar um aluno.

E lá ia ele para a frente do coletivo, calmamente observando os bancos à procura de uma vítima. Ou (re)educando.

Porém era isso a poeira, as franjas das ações assanha-

diças deste paladino. Desçamos do busão, vamos para as ruas. Sabe os motoqueiros, e aqui entram os de todos os calibres, sejam vadios – como o filho da sua vizinha – ou trabalhadores – como aquele seu genro – que exercitam passar a alta velocidade no cantinho da rua, naquele espaço entre a lombada/quebra-molas/barricada e o meio fio, aquela parte estreita onde a lombada não chega, para poder permitir o escoamento de água? Fazem isso em sua pressa diária, manobra perigosa, muitas vezes quase acertando o braço de algum pacato transeunte de calçada. Nonato já levou uma bordoadada numa dessas e, brasileiro ao contrário, pensou e executou um corretivo: Nosso amargurado dos passadiços prepara saquinhos de areia, em forma de sacolé e, dentro deles, como recheio gourmet, insere mais uma vez suas tachinhas, além de grampos 106/06mm soltos (deu até receita, o bruxo: 4 partes de areia, uma parte de tachas e grampos e meia parte de óleo queimado). Bolsa municiada, o andarilho desova seus sacolés nesses espacinhos entre uma calçada e um quebra-molas, enriquecendo borracheiros e também lanterneiros (pois muitas vezes o apressado,

como todo apressado, dá de cara no chão). Quantos motoqueiros, sob a batuta invisível e retificadora de Nonato, aprenderam a passar pela lombada, receosos das surpresas do canto. E quanto, quanto a economia local de vários bairros gonçalenses foi movimentada – borracheiros, oficinas de motos, farmácias – graças à ação anarco-civilizatória deste intemorato gonçalense! Ainda sobre motoqueiros, vamos ou desçamos aos tiradores de grau ("tirar um grau" é um otário empinar uma moto – ou bicicleta – numa única roda, em via pública). Você já ouviu o "Rugido da Terra"? Ah, meu leitor... O nome, épico, ele roubou de um anime japonês. Sim, o cara de cinquenta e alguns anos à época via animes, "curto desde Patrulha Estelar, cê nem era nascido". Retomemos: vossa mercê já viu ou, bem melhor, ouviu aqueles sprays sonoros, que possuem na ponta uma corneta, e cujo som imita à perfeição a estridente buzina de um caminhão, carreta, navio que seja? Peça carnavalesca, infernal. Ora pois: Se um tirador de grau resolve praticar seu desofício (ofício de desocupados) próximo a nosso monstro, ele imediatamente apanha seu berrante na bolsa sempre à tiracolo e aplica contra os ares uma cavernosa buzina-

da. Sim, já jogou muitos ao chão, com o susto – para novamente a riqueza dos lanterneiros e mecânicos. Sim, já rolou confusão, embora ele tenha o tirocínio de tocar a buzina e logo enfiá-la velozmente na bolsa, seguindo em frente com sua cara de paisagem. Uma vez ia morrendo, pois o vida loka da vez era afinal vida loka pleno, e sacou uma pistola em pleno Colubandê, contra a cara de nosso corneteiro. Nonato, matuto, fingiu demência e driblou a indesejada das gentes.

Eu poderia passar oito, quinze colunas, um livro inteiro, relatando os prodígios deste homem de exceção. Mas seu tempo, como o meu, amigo leitor, é curto. Vamos então a apenas mais duas diabruras, um resumo das pataquadas deste varzeamocense, todas peças de ímpar engenho criativo, cujo anelo único é civilizar nossa sociedade barbaresca:

O monstro possui uma página no Instagram apenas para registrar as fotos e dados de motoristas de UBER que cancelam viagens. É isso mesmo que você leu. A cada UBER chamado, o cara dá print na tela com o nome e dados do motorista. "Vai para onde?", pergunta o uberman. "Bom dia, boa noite, vou para tal lugar". Em seguida a corrida é eventualmente cancelada; direito do

motorista, claro. Alguns abusam deste direito, ok, ok. Alguns esbanjam, emphoderados, este direito. Abusando ou não, cancelou Nonato, vai pra rede. A página já foi derrubada oito vezes, mas o cara é incansável.

Agora a pior traquinada, pra fechar a coluna: Num dia de chuva, marchando em centros de cidades no horário comercial, quanta sombrinhada você costuma levar por dentro das fuças? Golpear os outros com sua sobrinhinha/guarda-chuva é a maxmaterialização de nossa miséria egótica, contra-empática, a expressão exterior da bolha de egoísmo em que vivemos, alguns vivemos. Pois Nonato, diabo da urbe, criou vingança: O cara adaptou um bastonete com diversas giletes cruzadas, na ponta, afixadas com Durepoxi. Avançando por ruas impraticáveis como as de nosso Alcântara ou a Uruguaiana e vizinhas, na capital, ele posiciona diante do rosto seu aparato. Cada sombrinhada que avança em sua direção, cega, doida para lamber sua face e cegar seus olhos, sai chamuscada, talhada, picotada por suas giletes. O lance é rápido e fulminante. E lá se vai a sombrinhada, geralmente de mulheres, embora ele não seja misógino (misantropo é certeza). "Num dia forte

em Alcântara, foram vinte-e-uma sombrinhas e guarda-chuvas reeducados. Vinte-e-uma!", narrou-me duma vez, gostoso de si. Canalha!

"Hã!!! Nonato só sacaneia pobre", dirá você. Ah! Numa futura resenha, talvez narre o outro lado da moeda de fogo desta besta sem cauda, de como ele encontrava meios de punir também os príncipes, e os príncipes principalmente, como deve ser. Mas, enquanto você não vai acreditar no que eu revelar, "olha o papo do maluco", outros, esses já vitimados, ligarão o fato à pessoa e tenho medo de, revelando o que sei, ser intimado a depor.

* * *

Aberração punitivista, apassivador contundente, formiguinha-cortadeira à serviço do acerto, maníaco obsessivo, psicótico. Sociopata ressocializador. Falangista macedônio, cavaleiro cruzado, lanceiro da nação nagô. Paulo Freire do mundo negativo. O melhor do pior de nós.

* * *

Hoje sou um pacato professor de Geografia, militando longe da região metropolitana fluminense, e faz anos não vejo Nonato (terá sido morto por algum outro bocado? É sempre uma possibilidade, e como que suas ações convergiam mesmo para esse centro equalizador que é a morte). Mas, ao reviver mentalmente tudo isso, desavergonhadamente confesso (afinal um cronista é um confessor concursado) que, se continuo escandalizado, fico igualmente excitado, perturbadoramente excitado com os gatilhos que a saga de Nonato faz disparar em minha cachola. Por isso rogo seu perdão por essa minha torpeza, amigo leitor. Como pesquisador da fauna humana desde meus doze anos, jamais encontrei espécime como este abortivo de Várzea das Moças.

Pra semana, vou finalmente em busca de terapia.

* * *

Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon



Algumas considerações sobre Fahrenheit 451

Jorge F. Isah

O livro é uma antevisão da sociedade atual, imaginada há mais de 70 anos por Ray Bradbury; onde as pessoas são guiadas pela ditadura da mídia, e o próprio Estado encarrega-se de dominá-las intelectualmente, esvaziando-as, e assim, tornando-as felizes e produtivas.

É uma crítica ao controle social por meio da comunica-

ção de massa, em especial a tv, que se encarrega de diluir as emoções e a humanidade nas pessoas.

Escrito com tintas "Noir", Fahrenheit 451 é uma novela distópica semelhante a 1984, Admirável Mundo Novo e Laranja Mecânica, na qual qualquer material literário que não seja produzido pelo Governo (as chamadas "cartilhas" tão em moda no Brasil; e que no livro são igualmente imperativas e pouco elucidativas) são considerados proibidos e destinados à incineração.

Fahrenheit 451 é a temperatura em que o papel entra em combustão.

Ironicamente, os bombeiros são encarregados de "pôr fogo" e incendiar os livros apreendidos ilegalmente. Revela-se a distorção provocada por ideologias totalitárias, as quais recriam e controlam fatos e ideias ao sabor dos seus interesses.

O homem está isolado, abandonado, acomodado, esquecido em meio à burocracia, e acaba por perder-se moralmente, está deslocado em meio ao caos e a desordem que o Estado meticulosamente arquitetou; e a pergunta é: Pode-se crer no homem? É possível revivê-lo num mundo em que é dominado completamen-

te pelo ascetismo intelectual? Ray quase assemelha o homem a um animal doente, ferido, agonizante em sua (anti)humanidade.

Guy Montag é um bombeiro. E o mundo começa a se desvendar diante dos seus olhos a partir do momento em que conhece Clarisse no metrô. Para uma sociedade ideologicamente estruturada na ausência de opinião, tê-la e ser crítico é uma postura antissocial, uma ameaça (como ler livros é crime, ter opinião também, especialmente se ela for conflitante com o padrão estabelecido pelo Estado: a ignorância como elemento de paz social - ainda que não se respeitem e a paz seja uma ilusão). Clarisse surge extravagante e perturbadora para Montag, que se desnorteia com os seus pensamentos "fora do padrão".

Ele se surpreende com o olhar indiscreto com que ela vê o mundo.

Ray acena para Clarisse como o antídoto para aquela orbe caótica e indiferente.

O olhar indiscreto de Clarisse para com o mundo é arrojado, escrutinador, o qual nos leva a observar, deli-

ciar e admirar a obra de Deus, e, sobretudo, para reverenciá-lo por sua estupenda Criação.

No mundo de Fahrenheit 451 os livros são, ainda que parcialmente, a causa do mal. O homem, portanto, para ser feliz precisa subverter o antigo padrão, abster-se das ideias, da moral, contentando-se em ser feliz à maneira imposta pelo Estado. Como Roma fazia com os seus súditos, o Governo dá ao homem a impressão de felicidade através do extravasar sentidos; por exemplo: dirigir em alta velocidade, atropelando coelhos, cães e pessoas, é uma forma de exceder as percepções e substituir a consciência pelos impulsos. A tv é chamada de "família", e na impessoalidade das "relações" é que são travados os "conhecimentos", os parentescos, suprimindo as relações humanas tradicionais; tudo com o discurso de que assim é melhor para "todos".

Montag começa a se questionar e a avaliar a vida. Busca uma "causa" para viver, para além das cartilhas governamentais. Já não lhe basta mais ser como sempre foi, sem contestar mas também sem responder.

Quer o apoio da mulher, mas encontra apenas medo, preconceito e frieza.

Não há como não comparar muito do que Bradbury criou com o que vivenciamos. Há uma censura institucional, formalizada gradativamente por leis que coíbem e restringem cada vez mais a liberdade, não visando protegê-la, mas proteger os interesses ideológicos do Estado e de grupos minoritários.

Deus está sendo alijado do debate, onde a sanha inimiga se encarregará de trazer, como em Fahrenheit 451, tempos em que o pensamento e a opinião serão crimes punidos severamente (vide a tentativa de regular e cercear as mídias sociais). A exemplo do que ocorre em países comunistas e islâmicos, o homem não servirá nem mesmo como estatística, um número. Até isso lhe será tirado.

No livro, as citações sobre Deus são expressões vazias, como velhos ditados que ninguém mais sabe o significado. Como todos os livros, a Bíblia foi expurgada, sobrando os manuais e códigos segundo o aparato estatal.

Bradbury descreve um mundo improvável em sua completude, não por causa do homem, mas porque Deus,

em sua soberania, jamais o permitirá. Apesar do que se revela aos olhos, a palavra final é divina.

Montag e o dilema: continuar a trabalhar como bombeiro? Entregar todos os livros que amou e escondeu por anos? Deixar que se queime o último exemplar da Bíblia?

Enquanto isso, Mildred, sua esposa, clama pelo seu amor, para que destrua a biblioteca, e em seus delírios virtuais não tem resposta para a pergunta: o "palhaço branco" e a "família" (os personagens de tv) a amam?

No mundo de Fahrenheit 451 não há lugar para a culpa, para o pecado. Se ele existe, o incinerador, ou o incêndio, se encarrega dele. A moralidade não tem espaço, e se há um senso moral/ético, ele deve ser destruído. Há apenas a consciência estatal. E Montag sentiu-a na pele, quando ele e os bombeiros, uma noite, pararam com a "salamandra" diante da sua casa.

A justiça do Estado tem de ser imediata, não há tempo para julgamento, defesa, provas, apenas sentenças imediatas. O "mal" tem de ser extirpado instantaneamente para o bem e a sobrevivência do estado/deus.

Os bombeiros são investigadores, réus, juízes, verdugos, basta uma única denúncia, podendo vir de dentro da própria casa.

A responsabilidade existe através das diretrizes governamentais, e Mildred, como uma espiã, expõe Montag, o traidor, diante da traição consumada por ela, diante da traição dos amigos, diante da traição dos vizinhos; não há compaixão, somente indiferença e um dever a cumprir.

E o pecado, tornado público, não pode ser soterrado nas cinzas.

Avaliação: (****)

Título: Fahrenheit 451

Autor: Ray Bradbury

Editora: Biblioteca Azul

Páginas: 272

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de “A Bula do Placebo”, entre outros livros, todos disponíveis na “amazon.com”.
jorgefisah@gmail.com



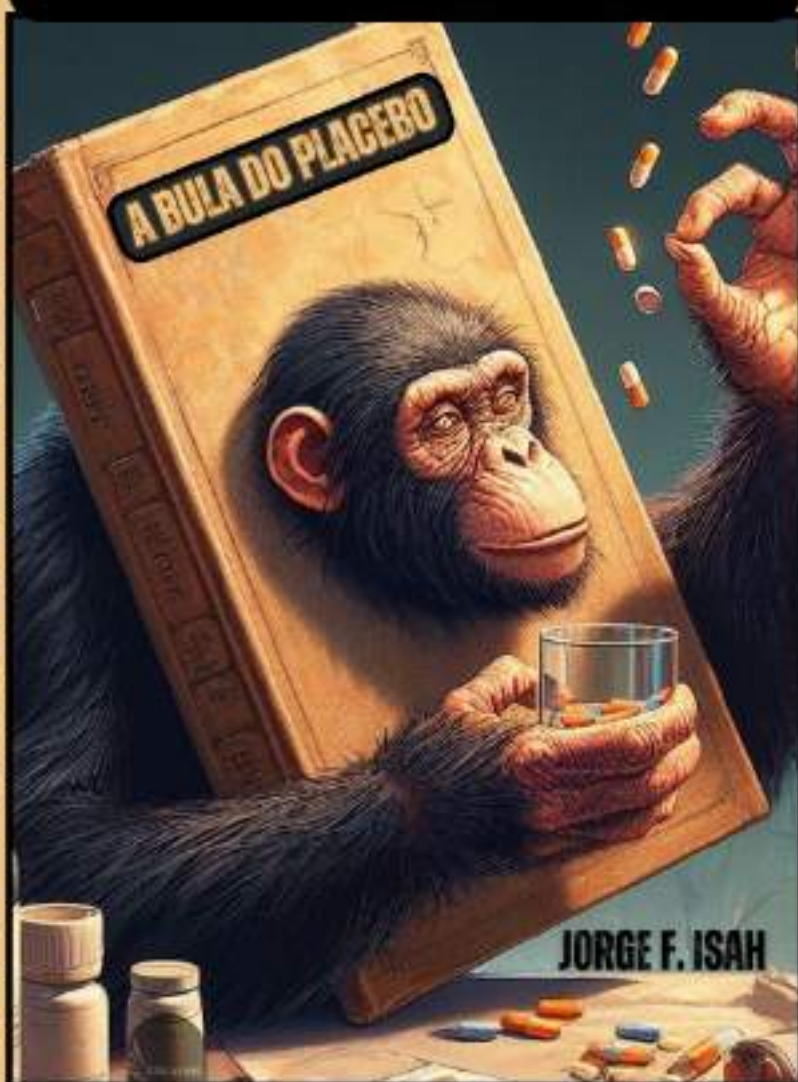
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo de que tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos glúteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.



GARANTA O SEU EXEMPLAR!
NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

INÊS É MORTA: VIDA QUE SEGUE

Helvécio S. Pereira

Havia decidido desconstruir o famigerado carnaval, coisa que fiz na última semana, antes das férias prêmio; sim, funcionário público tem essas benesses. A cada cinco anos, dois meses de férias além das férias normais em uma rede de ensino, e três em outra. Isto aqui embaixo da pirâmide; imagine lá no ápice do mais supremo Olimpo.

Como dizia, desconstruí para mais ou menos vinte e oito turmas de adolescentes e alguns professores que acompanham alunos com deficiências (sim, esses professores são "castigados" ao ouvir as minhas aulas), de que tudo que ouviram em todos os lugares, e principalmente de professores alinhados ao sistema, era e é mentira.

Bem, o carnaval, que só sobrevive porque dá muito dinheiro a gente muito esperta e conhecedora de todos os esquemas, o apoio da mídia (um veículo importante para desconstruir o que restou de virtude, de louvável na sociedade), e o ativismo ideológico clara e inexplica-

velmente demoníaco, continuará a sustentar o mito da alegria brasileira.

Escrevi um texto resumindo o que eu falaria, e babei nas salas de aulas; falei, babei e provei para quem quisesse constatar por si mesmo as falácias carnavalescas. Fato é que, não só constato e constatei que na verdade o brasileiro não gosta de carnaval, gosta de feriados, principalmente os prolongados, da mesma forma que ateus ferrenhos gostam do Natal e da Sexta-feira da Paixão.

Espero entretê-los, não no aspecto divertido do termo, mas a pensar sem graça, sem humor, algo pouco agradável, mas necessário à sanidade e à autorreflexão. Davi pensou na segurança de ter Deus como aquele a cuidar dele, e escreveu um poema, uma canção, um hino, um salmo. Mais do que uma verdade que alguém pode imbecilmente duvidar, é belo, sublime. Aliás, o salmo 23 (22, no cânon católico) não foi escrito com uma rima gasta, iguais às ouvidas no pior cancioneiro popular, não se baseou em nenhuma rima, mas na contraposição de ideias, daí o fato de sua tradução permanecer bela em qualquer idioma. Por isso, o texto literário sendo arte, não tem nenhuma compulsoriedade, obrigatoriedade de ser uma verdade (diferente do famoso Salmo). Toda li-

teratura, em todas as suas formas, deve e nos cativa pela sua beleza estilística, naturalmente nos faz voltar a ler e reler outras vezes como tantos excelentes textos publicados por colegas e colaboradores aqui, neste minifúndio virtual. Eu gosto de lê-los várias vezes, por puro prazer, todos os textos. É como degustar, mais uma vez o sabor de um alimento ou bebida agradável e salutar.

Daí, o que sobra de tudo isto é que entre o pessimismo, o realismo e a contemplação, devemos ser parcimoniosos, em não desequilibrarmos a balança para nenhum dos lados, para nós e os outros que serão o alvo do nosso eventual "sincericídio". As coisas não melhorarão, pelo menos até o pior de tudo acontecer.

Deixar-nos entregues à indolência frente à realidade, não movermos um dedo, não expressarmos opinião diante das potestades que ora dominam o mundo, ou ainda acharmos que tudo vai muito bem obrigado, não constitui qualquer opção minimamente sábia. Todas as coisas se cruzam no cenário das realidades. Reajamos e sejamos agentes em cada uma delas; não suicidas, mártires inúteis, isentões e muito menos idiotas.

E o Carnaval, juntamente com todas as diabruras humanas, seja o prego arrancado da parede.

Afinal, haverá tardes e noites, e um novo amanhecer.

papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão



OF THE KING THE POWER

Um garoto de 14 anos, chamado Miguel, de Carapicuíba/SP, tem dado causa a milhares de memes que circulam na internet, acerca de suas pregações em igrejas neopentecostais, onde diz realizar milagres, além de se comunicar em idiomas no velho estilo "embromation".

É aquela velha história do "falar em línguas", que muitas igrejas renovadas utilizam com base no episó-

episódio bíblico do Pentecostes, quando os discípulos de Jesus vivenciaram um fenômeno real, ao conseguirem se comunicar com a multidão em suas línguas pátrias, de forma espontânea, sem que tivessem qualquer estudo prévio ou conhecimento das mesmas.

Em edições anteriores desta revista, já havíamos tratado do assunto, lembrando que o próprio apóstolo Paulo, autor de diversos livros do Novo Testamento, falava que os discípulos de Jesus deveriam "segurar a onda", dando prioridade à realização de profecias, o que seria bem mais útil do que ficarem "enrolando a língua" para ninguém entender.

Sem a menor intenção de causar polêmicas, mesmo sabendo que causarei muitas, pois ter opiniões, nos dias de hoje, pode gerar os mais diversos conflitos, com a possível judicialização dos fatos, o que não é a minha intenção; contudo, é preciso dizer que a coisa está virando uma piada de mau gosto. O tal garoto, uma mistura do apresentador Sílvio Santos com uma salada de pastores os quais ele diz se inspirar, foi

agora proibido de fazer suas "pregações" pelo Conselho Tutelar, pois havia abandonado os estudos para se aventurar no lucrativo negócio da exploração da fé. E o menino é muito bravo, e parece que vai voar na jugular de quem o questiona, talvez intencionando se arvorar do poder de João Batista, que perdeu "literalmente" a cabeça por suas críticas ao rei Herodes e seu relacionamento ilícito com Herodías, a ex-esposa de seu irmão.

Mas ele é ridículo, com seu terninho mirrado, suas dancinhas patéticas, além de seu "ingrês" não necessariamente clássico, e ele também apela, vez ou outra, para outros idiomas idênticos àqueles utilizados por pastores dessa estirpe, quando se comunica com um efusivo "tacatacataca", que é a língua originária das arapongas.

Não há nada mais lucrativo, nesses tempos que prenunciavam o fim do mundo, do que mexer com a fé do povo. Um povo sofrido, empobrecido, inculto, cheio de superstições, torna-se alvo fácil de espertalhões que inauguram templos de forma mais rápida do que

montar um boteco. Mas esse menino tem futuro. Em breve, assim que o órgão responsável pelo veto à sua precoce atuação (mas que nada faz com relação a crianças e adolescentes utilizados pelo tráfico), conseguirá mobilizar multidões, herdando o legado de "monstros" como Edir Macedo, R. R. Soares e Waldomiro Santiago. Mas Deus está vendo tudo isso. É só o que podemos dizer.

A *Óptica Metrópole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO

Shopping 5ª Avenida

RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 20B SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1195
TELEFONE (31) 3228.3212 | WHATSAPP (31) 884821525





coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, eu acordo feliz e digo "bom dia sol"! Dou bom dia aos pássaros, às flores, às borboletas, aos cãezinhos, aos gatinhos, às pessoas que passam, sejam elas conhecidas ou desconhecidas, e comemoro cada segundo desse novo dia.

Nelson – Você é gay.

Eu gastei o dinheiro do aluguel no jogo do Tigrinho. Mas preciso recuperar e aí estou pensando em apostar a reserva para o supermercado, senão a minha mulher me mata. Você acha que devo arriscar?

Nelson – Você sabe que os tigres são bichos selvagens e muito pe-

rígnos. O fato é: se sua mulher não matá-lo, certamente, o Tigrinho há de tirar o seu couro.

Nelson, o meu marido é machista e não me deixa trabalhar fora ou estudar, e nem mesmo permite que eu saia com as minhas amigas, pois tem medo que eu o traia com outros homens na rua.

Nelson – Talvez ele não saiba que ainda existem carteiros, bombeiros, entregadores do IFood e outros prestadores, que podem fazer o mesmo serviço em sua casa.

Estou namorando há um ano e meio, mas ele não tem coragem de me apresentar aos seus parentes e amigos. Isto não é estranho?

Nelson - Talvez ele não queira apresentá-la à esposa e filhos.

Nelson, estou querendo arranjar um emprego que só precise trabalhar quatro horas por dia, que ganhe mais de 50 mil por mês sem precisar forçar o meu intelecto. Sabe o que preciso fazer?

Nelson - Virar puta.

Nelson, sinto que as pessoas não gostam de mim, não me suportam pois dizem que falo sem parar, mas não acredito que seja verdade, pois sou apenas comunicativa, extrovertida, expansiva, e as pessoa invejam essa minha característica, que é natural, e... Nelson! Nelson! Ora, onde ele foi?